

## APRENDENDO COM A HISTÓRIA DA IGREJA?

*Frans Leonard Schalkwijk\**

Tenho tido o privilégio de ensinar história eclesiástica durante cinquenta anos e apresento algumas anotações que talvez nos possam ajudar a aprender algo com essa parte específica da história geral. Em primeiro lugar creio que o que se destaca na história da igreja é a *graça de Deus*.

- (a) A graça de Deus sempre trabalha, apesar da infidelidade humana, em toda a história da salvação, da qual a igreja de Cristo faz parte.
- (b) O poder de Deus transforma uma pessoa (depois uma família e um povo) que começa a obedecer a Palavra de Deus (exemplos: Josias, Clóvis, Paton).
- (c) A história de uma igreja regional começa como um capítulo da história das missões e no final também engloba a sua influência na cultura geral daquele povo (Ap 21.24).
- (d) A influência da Bíblia é profunda na evangelização e na transformação dos povos.
- (e) Deus usa as coisas fracas para grandes alvos (Calvino, Patrício, madre Teresa).
- (f) Na obra de Deus feita por homens, sempre há altos e baixos (Wilberforce).
- (g) Se não suportar, poderia pedir sua transferência hoje (1Rs 19.4).

---

\* Doutor em História, Universidade Mackenzie (1983); mestre em Teologia (Th.M.), Calvin Theological Seminary, Grand Rapids, MI (1977); bacharel em Teologia, Universidade Livre de Amsterdã e Theological College Kampen (1954), Moravian Theological Seminary, Bethlehem/PA (1951). Missionário no Brasil (1959-1995), professor e reitor do Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife (1972, 1976-1986), ex-professor visitante do CPAJ. Pastor emérito das Igrejas Reformadas da Holanda, da Igreja Evangélica Reformada no Brasil e da Igreja Presbiteriana do Brasil. Autor de *Igreja e Estado no Brasil Holandês* e *Meditações de um Peregrino*. Reside em Itajubá, MG.

- (h) Ninguém pode se vangloriar, porque a obra sempre é feita em conjunto com outros e pela graça de Deus, de quem é a glória (Hudson Taylor).
- (i) Sirvamos sem numerolatria, nem numerofobia!<sup>2</sup>
- (j) O estrago pode começar com um líder ou sua esposa (Salomão: 1Rs 11.3; Jeorão: 2Rs 8.18).
- (k) Muitas vezes o problema começa na preparação de líderes, na “escola dos profetas”, ou seja, com professores de seminários (Princeton).
- (l) A renovação espiritual começa com uma pessoa obediente (Lutero); especialmente presbíteros fiéis ajudam no retorno para a Palavra de Deus (Calvino).
- (m) Etc., etc.

Também na *história geral*, apesar de muitos problemas, vendo a bênção que o cristianismo tem sido para o mundo, somente podemos dizer: graças a Deus! Assim o confessaram grandes cientistas como Kepler e Pascal, artistas como Michelangelo e Rembrandt, músicos como Händel e Bach. O historiador Latourette disse com razão:

Mais do que qualquer outra religião, o Cristianismo tem levado ao progresso intelectual humano dando a línguas uma forma escrita, criando literatura, promovendo a educação desde escolas primárias até instituições de nível universitário, estimulando a mente e o espírito humano a novas explorações no desconhecido. Tem sido o maior fator no combate em escala mundial a antigos inimigos da humanidade, como guerra, fome e exploração... Mais do que qualquer outra religião, tem promovido a dignidade da personalidade humana... pelo alto valor que atribuiu a cada alma individual.<sup>3</sup>

Apesar de tudo, a nossa civilização ocidental foi profundamente influenciada por princípios cristãos.<sup>4</sup> Não é que o cristianismo tenha descoberto essa dignidade: ela é uma herança do judaísmo, reconhecendo que é o próprio Deus que valoriza cada alma individual (Gn 1.26; Mt 25.35ss).

E é uma herança escrita. No seu centro está a Bíblia. Por isso, ouvir e ler a Palavra de Deus na língua materna é uma necessidade primordial (Atos 2) e

<sup>2</sup> O grande estatístico David B. Barrett calculou que, desde 1900, a população mundial cresceu 3,6 vezes (*World Christian Encyclopedia*, 1982). O aumento dos cristãos foi diferente. Na Europa o número se multiplicou somente por 1,4; na América do Norte por 3,4; na Oceania por 5; na Ásia por 15 e na África por 35! Mas o mundo é maior e, por enquanto, somente um quarto da sua população é cristã (Mt 9.37,38; 1Co 3.6).

<sup>3</sup> LATOURETTE, Kenneth Scott (1884-1968). *Advance Through the Storm*, 1939-1945.

<sup>4</sup> Cf. HOLLAND, Tom. *Dominion: The Making of the Western Mind*. 2019. “Time itself has been Christianized” (p. xxiv). A.D. = Anno Domini.

o impacto da tradução da Bíblia é muito maior do que se pensa. A influência da tradução do Antigo Testamento para a língua grega foi grande no mundo helenista. Assim também o impacto da Vulgata Latina foi enorme na Idade Média. E a tradução de Lutero, a holandesa dos *Estados*, a *King James Version* e a de João Ferreira de Almeida influenciaram profundamente a cultura e a língua dos povos. É interessante observar como a tradução quéchua ajudou no renascimento cultural desse povo andino subjugado. O trabalho dos Tradutores Wycliffe é de suma importância. Oswald Smith disse com razão: “Por que alguém deveria ouvir o evangelho duas vezes enquanto outros não ouviram nem uma sequer?”

O descrever da história desse “cristianismo” requer precauções específicas. Na *historiografia* em geral, e especialmente na história da igreja de Cristo, deve-se evitar vários problemas. Até simplesmente o uso de certas palavras, pois há termos com sobrecarga histórica negativa tanto no falar como no ouvir: bárbaro, vândalo, cigano, colonialismo, judeu,<sup>5</sup> luterano, misticismo etc. É preciso bom senso e amor para drenar um pouco o veneno acumulado historicamente. Como difere a nossa interpretação da história, assim também o nosso pensar para o futuro (exemplo: a atitude para com Israel<sup>6</sup>).

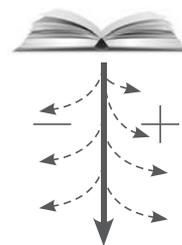
Por isso, também é necessário evitar certos extremos. Por exemplo, em geral não somente a história da expansão da igreja, mas também da sua organização; não somente da vida da igreja, mas também do seu culto; não somente da doutrina, mas também do seu contexto político e religioso. Ou, por exemplo, de um período específico da historiografia como o da igreja evangélica do Nordeste no século 17. A descrição não deve ser *confessionalista*, procurando ocultar os erros dos correligionários, nem *relativista*, como se a ausência de qualquer norma garantisse a felicidade verdadeira. Também não deve ser *espiritualista*, como se as orações e as pregações fossem as únicas coisas importantes; nem *materialista*, como se as situações econômicas fossem os únicos condicionantes da religião. Também não *opressãoista*, como se por esse ângulo se captasse toda a verdade, nem *exemplarista*, como se tudo naqueles dias fosse digno de ser imitado.

<sup>5</sup> Grande contribuição israelita à sociedade. Exemplos: jeans – americano Levi Strauss; psicologia – austríaco Sigmund Freud; Facebook – Mark Zuckerberg; bomba atômica – alemão refugiado Oppenheimer (“não use!”); filmes – Spielberg, Asterix & Obelix, Superman, Sound of Music; irrigação por gotejamento etc. Há cerca de 15 milhões de judeus, menos de 0,25% da população mundial, mas desde a introdução do Prêmio Nobel (1901) cada quarto prêmio foi entregue a um judeu.

<sup>6</sup> Exemplos: Teologia Palestina de Libertação – Jesus era palestino, não judeu; Ismael em Gênesis 22, não Isaque. Porém, se os líderes palestinos reconhecessem que Deus enviou a bênção por meio de Jacó, o povo participaria dela em todos os sentidos. O Movimento BDS (boycot, disinvestment, sanctions = boicote, desinvestimento, sanções) é uma das maneiras modernas de amaldiçoar Israel (Nm 23.23). O Hamas tentando destruir a “paz econômica” da Margem Ocidental.

Sempre o melhor é seguir o velho adágio *Veritas et perspicuitas*: verdade e clareza, sobretudo a verdade. Porém, como poderia o historiador realmente desligar-se de sua bagagem existencial e de suas pressuposições? Só há um que pode escrever de maneira absolutamente objetiva a história humana: aquele que pode sondar todos os tempos e lugares e que sonda até o mais íntimo dos nossos corações (Salmo 139).

Sendo a igreja composta de filhos e filhas de Adão e Eva na correnteza do tempo, podemos observar *oscilações*, ou seja, ondas na sua história, até redemoinhos, cataratas e bifurcações. Lembrando-nos das controvérsias da igreja antiga, notamos que também durante aquele tempo, a pouca distância da fonte, existiu a tendência de se desviar da revelação de Deus. Não é uma tendência nova, mas vem da primeira



tentação diabólica. Por um lado, o pai da mentira e dos mentirosos subtraiu da Palavra do Senhor; por outro lado, ele acrescentou algo a ela (Jo 8.44; Gn 3.4,5). Desde a queda, essa tendência existe no homem e existirá até a consumação dos séculos. Nossa tendência é (e de fato o fazemos) desviar para a esquerda ou a direita, tirando da Palavra de Deus ou adicionando a ela em todas as áreas da vida – no pensar, no falar e no fazer, na doutrina e na ética – muitas vezes de modo disfarçado, mas sempre presente, latente ou patente. Não é difícil desviar, o difícil é andar direito (Is 30.21).

Essa tendência para se desviar também se apresenta nas áreas específicas da teologia, ou seja, o nosso pensar sobre Deus e sua revelação, na doutrina ou ética (*credenda et agenda*). Temos a certeza de que pode aparecer, apareceu e aparecerá em todos os capítulos (*loci*) da teologia: um dia na teontologia, outro dia na pneumatologia, na eclesiologia ou na escatologia. Por isso temos de vigiar e orar (Mt 26.41) para que sejamos fiéis à Palavra fiel e tenhamos sabedoria para detectar possíveis, ou melhor, prováveis desvios. Como bons timoneiros sob o grande capitão precisamos notar as correntezas e ventos doutrinários e éticos (Ef 4.14,15). Porque ortodoxia e ortopraxia devem andar juntas.

O motivo principal da Reforma Protestante foi corrigir os desvios da Igreja Romana. Por isso a igreja da Reforma era de fato uma *Igreja Católica Apostólica Reformada*, como João Ferreira de Almeida insistia (seguindo o puritano inglês Perkins). Mas, por si mesma, ela não tem a garantia de permanecer uma igreja fiel à Palavra de Deus. Vemos isto claramente durante a época do racionalismo e até os dias de hoje. De fato, os católicos romanos acrescentaram à Palavra de Deus, mas os protestantes (e muitos católicos liberais) têm subtraído da revelação de Deus (Jo 10.35b; Ap 22.18,19). Entretanto, o Senhor sempre preservará um remanescente para que as portas do inferno não prevaleçam contra a sua noiva (Mt 16.18).

O *treinamento de obreiros* é crucial nesse ponto. No século 18, na época do Grande Avivamento da América do Norte, havia uma certa contradição

entre estudos teológicos e piedade, como acontece frequentemente na história da igreja. Por isso, o jovem pastor presbiteriano Gilbert Tennent teve razão em parte com seu veemente sermão sobre “O perigo de um ministério não-convertido” (1740). Por causa disso, seu pai tinha organizado uma escola, o “Log College”, em Neshaminy, perto de Filadélfia. Houve uma grande influência desse tipo de escolas naquele século, até sobre o Segundo Avivamento em geral. E os presbiterianos exigiam um treinamento sólido. Porém, se não tivessem ocorrido os movimentos metodista e batista, com seus pregadores leigos, o que teria acontecido com as multidões, perguntou com muita razão o conhecido professor batista de homilética John Broadus.<sup>7</sup>

Por outro lado, como reação contra o isolamento dos “seminários”, os batistas William Harper e John D. Rockefeller fundaram uma faculdade teológica ligada à Universidade de Chicago, a University of Chicago Divinity School. Porém, em breve, ela apresentou tendências fortemente modernistas, como ocorreu nos anos 1920 com Harvard, Yale, Princeton e Nova York (Union Seminary). O Seminário Union tinha sido fundado por presbiterianos avivados (da New School), mais interessados na experiência do que na doutrina. Infelizmente, esses seminários maiores (*mainline divinity schools*) já haviam abandonado o seu compromisso com as Escrituras como a infalível Palavra de Deus escrita. Recentemente, o professor John Bolt, do Calvin Seminary (reformado ortodoxo), em Grand Rapids, alertou sua própria instituição, dizendo: “Não há garantias de que as escolas, até mesmo aquelas nascidas da paixão da piedade evangélica, continuarão a ser mordomos fiéis do Evangelho”.<sup>8</sup> Seria por causa de cooperação com outras denominações? Pode ser, mas não precisa ser assim.

De fato, às vezes a *cooperação* é uma questão prática difícil. Será que podemos cooperar com outros que não têm a mesmíssima posição teológica que a nossa? Nesse ponto o exemplo do grande evangelista calvinista George Whitefield talvez possa ajudar. Embora calvinista convicto, em suas campanhas evangelísticas ele sempre procurava a cooperação com outras igrejas. Na Escócia, os presbiterianos estavam divididos entre “moderados” e *Marrowmen*, liderados pelos irmãos Erskine, influenciados pelo valioso livro puritano *The Marrow of Theology* (“A medula da teologia”, 1645). Quando Whitefield chegou à Escócia, esses *Marrowmen* ortodoxos o queriam somente para eles. Mas Whitefield decidiu que serviria num sentido mais amplo, até em cooperação com evangélicos da igreja estatal (Church of Scotland, presbiteriana, mas infelizmente deísta). Então os irmãos Erskine se opuseram a Whitefield.

<sup>7</sup> John A. Broadus, autor do famoso *Sobre a preparação e entrega de sermões* (Custom; 1ª ed. 1870).

<sup>8</sup> BOLT, John. *Stewards of the Word*. Grand Rapids: Calvin Seminary, 1998, p 103. “Faithful stewards of the Gospel”.

Entretanto, no ano seguinte eclodiu o famoso reavivamento na cidade de Cambuslang (1742), perto de Glasgow.

Certamente, o melhor é cooperar na medida do possível. Entretanto, qualquer que seja a sua opinião particular de obreiro sobre o assunto, convém lembrar que Deus o colocou numa igreja sob a responsabilidade do conselho, e você, como obreiro individual, deve seguir a linha adotada por sua igreja, senão você rompe o laço primordial de cooperação. Se você não concordar, pode tentar mudar essa posição oficial, mas sempre no caminho fraterno indicado pela constituição da sua igreja. E se, conscientemente, você ainda não pode concordar diante do tribunal de Deus, tem o direito de comunicar isso de modo respeitoso e fraterno e procurar filiar-se a outro grupo, sempre a um que seja mais conforme com a Palavra de Deus.

Mas não se engane, porque todos nós temos as nossas *pressuposições*, os motivos mais íntimos do nosso coração. Blaise Pascal já disse que o coração tem razões que a própria razão desconhece. Geralmente pressuposições são coisas do coração (Mc 7.21; Pv 4.23). Um exemplo extremo foi o professor hegeliano David F. Strauss, que foi demitido da Universidade de Tübingen e teve impedida a sua nomeação em Zurique. Em seguida, ele publicou seu livro *Vida de Jesus* (1835), em que enfatizou o desenvolvimento do dogma da igreja, declarando a encarnação de Cristo como um mito cristão. Porém, o raciocínio de Strauss partiu de pressuposições materialistas e ateístas, que parecem um redemoinho tentador, fascinante mas mortal, não só ontem, mas também hoje, quando apresentadas por Dawkins, o sumo-sacerdote da religião ateísta fundamentalista.<sup>9</sup>

O racionalista coloca a *ratio* no trono da sua vida, repetindo com Descartes: *Cogito ergo sum* (“Penso, logo existo”), mas o discípulo de Cristo reconhece outra razão, balbuciando: *Cogitor ergo sum* (“Sou conhecido, logo existo”). Sim, “agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (1Co 13.12; Gunning). Oremos para que nossa pressuposição mais íntima seja sempre de querer levar cativo todo o nosso pensamento à obediência de Cristo (2Co 10.5) e que, quando necessário, possamos dizer humildemente *Non liquet* (“Não está claro”), pois por enquanto restarão perguntas sem respostas.<sup>10</sup> Confesso que de mim mesmo sou mais um liberal, mas é basicamente esse versículo que o Senhor sempre tem usado como rédea gentil para me segurar no caminho da sua Palavra. Esse foi o meu “versículo Obadias” na trilha acadêmica. Muito obrigado, Senhor!<sup>11</sup>

<sup>9</sup> DAWKINS, Richard. *The God delusion* (2006). MCGRATH, Alister. *The Dawkins delusion?* IVP, 2007.

<sup>10</sup> SCHALKWIJK, F. L. *Meditações de um peregrino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 116.

<sup>11</sup> Cf. BOTELHO, Marcos Campos. “Teologia reformada e pressupostos filosóficos: juntos contra a ceticismo hermenêutico pós-moderno”. *Fides Reformata* XV-2 (2010), p. 85ss.

Na história, há ondas no pensar, mas também no fazer; na doutrina e na *ética*. Pois o mau comportamento procede do mau pensar e basicamente do mau coração. Ondas de perversão correm como tsunamis pelo mar dos povos e aí daqueles que são arrastados por elas. Mas há também ondas de santificação. De fato, o ascetismo é um tipo de santificação, nem sempre muito bíblico, mas assim mesmo uma reação contra muita confusão e perversidade carnal. Durante a Idade Média, uma onda de ascetismo alcançou os conventos, depois o clero e finalmente o povo em geral (sécs. 10-13). Infelizmente, foi longe demais, e a introdução do celibato obrigatório ainda é um assunto difícil na Igreja Romana e uma exigência acrescentada à Palavra de Deus (1Tm 4.3). Sem dúvida, há uma vocação para a vida de solteiro em vista do reino de Deus (Mt 19.12), mas obreiros espirituais estão expostos continuamente a contatos tentadores e por isso a vida matrimonial é o melhor remédio.

Claro, há um grande espaço para as *adiafora*, coisas não prescritas nem proibidas, mas certos limites devem ser observados. E ali, qualquer desvio da Palavra de Deus (até com as melhores intenções) pode prejudicar a igreja. Quantas lágrimas foram vertidas por causa dessa tradição do celibato obrigatório, desse “saber melhor do que Deus”, que excede o mandamento de santidade (Mt 15.6). Ondas de homossexualismo e abuso de crianças por “curas d’almas” acompanham esse ascetismo imposto, como provam os casos judiciais contra sacerdotes romanos nos Estados Unidos.

Graças a Deus, a Reforma restaurou também nesse ponto o padrão bíblico para os filhos de Deus (1Co 9.5). Deus não colocou um convento no Paraíso, e sim um casal. Por outro lado, o casamento não é uma garantia de santidade para os obreiros! Como a obra do Senhor tem sofrido por causa disto e o Nome Santo de Deus tem sido blasfemado (2Sm 12.14). E, reconhecendo que podia ter acontecido com qualquer um de nós, como é necessário orar constantemente: “Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em Ti, ó Senhor!” (Sl 69.6).

Ao mesmo tempo em que cresceu o ascetismo, aumentou o *misticismo*. A palavra “místico” vem do grego *myō* (μυω), fechar os olhos. Os judeus oravam de olhos abertos e mãos levantadas para o céu, mas com a influência neoplatônica na igreja cristã não seria difícil a oração se tornar mais introspectiva. A alma humana não era considerada uma faísca divina dentro do homem?

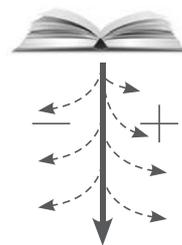
Não devemos pensar que essas ideias são histórias do passado. Um conhecido me disse que tinha orado como os judeus, mas agora orava com as mãos no coração, concentrando-se em si mesmo. Ele tinha se tornado adepto da antroposofia, um tipo de espiritismo glorificado, um membro antigo da família que hoje em dia é chamada ironicamente *Nova Era*. Por sua natureza caída, o homem é pagão. Pela mordida da serpente, ele pensa agora que é, ou pelo menos quer ser, deus. Como um poeta holandês expressou: “Eu sou um deus no mais íntimo do meu ser”.

Por outro lado, temos de reconhecer que há algo que talvez pudesse ser denominado um “misticismo bíblico” (mas detesto a palavra por causa da sobrecarga herética histórica). É o *andar com Deus*, como Davi canta e como Enoque e Noé experimentaram (Sl 25.12; Gn 5.24; 6.9). Até devia ser o alvo de cada crente (1Jo 1.7; 3Jo 4). Também nesse ponto precisamos de um equilíbrio sadio. Quanto mais procuramos ser ortodoxos fiéis, tanto mais carecemos de uma vida íntima com Deus. E as nossas igrejas precisam desse equilíbrio, para que não se congelem numa ortodoxia fria, nem se queimem num misticismo abrasador.

Tentar manter o equilíbrio cabe especialmente à *liderança das igrejas*. Ela precisa de muita sabedoria: radical ou moderada? Na Alemanha, na época do avivamento pietista, havia ao norte de Frankfurt um pequeno condado de nome Wetterau. Foram permitidas ali congregações separatistas (parcialmente estimuladas pela ideia de *ecclesiola* de Spener). Elas sofreram a influência de refugiados huguenotes perseguidos e apocalípticos. Até mesmo Zinzendorf foi alertado e uma congregação moraviana teve de ser dissolvida. Um dos líderes radicais era um certo Arnold, que, em sua história da igreja, defendeu a tese de que, através dos séculos, os heréticos tinham sido os verdadeiros crentes. Não é de estranhar que Arnold tenha causado muita mágoa e confusão.

Ao mesmo tempo, mais para o sul, em Württemberg (Stuttgart), o pietismo era mais moderado e não enfatizava a luta espiritual (*Busskampf*). A liderança da igreja luterana regional também era moderada, aceitando vários desejos dos pietistas como as reuniões nas casas (*ecclesiola*), evitando excessos e separatismo. De fato, cada época carece de líderes que oram por sabedoria para pastorear a grei (Ec 8.5b). Por outro lado, um dos centros do pietismo, Halle, se tornou racionalista, inclusive pela pouca atenção que tinha sido dada à teologia sistemática e à filosofia, sujeitando os pensamentos à obediência de Cristo (2Co 10.5). Vigiai!

De fato, precisamos aprender a vigiar, mas sempre de acordo com aquela expressão tão conhecida na igreja primitiva, *na paz de Deus* (Fp 4.7)! Como um velho colega, faço um apelo aos professores para que considerem que tipo de ensino sai do púlpito: edifica ou prejudica a igreja de Cristo? Sejamos fiéis à Palavra do Deus fiel! E aos que nomeiam professores, peço por amor de Deus que reconheçam sua responsabilidade de longo alcance! Na Europa, igrejas morreram porque curadores (nomeados pela igreja!) queriam ser “progressistas”, instalando professores que acharam 1Coríntios 4.6 ultrapassado. Todos nós, como discípulos do Mestre, já entramos na história da igreja, cada um no seu tempo e no seu lugar. Todos somos chamados para ser uma bênção *hic et nunc* (pois quem não quer servir *aqui e agora* não servirá nunca), incluindo na vigilância. Mas devemos vigiar na paz do Senhor para não ver fantasmas em todo canto, tornando-nos agitados



e ásperos caçadores de heresias. Porque muitas vezes esses desvios são quase imperceptíveis no início, e nem sempre causados conscientemente, às vezes até por ingenuidade. Além disto, podem ser simplesmente como pequenas oscilações ao redor do eixo firme mantido em seu trajeto terrestre pelo polo norte celestial da nossa existência, Deus mesmo (Pv 1.7). Porém, por ingênua que seja a oscilação, toda atenção é pouca, pois o diabo não dorme e as sentinelas têm serviço 24 horas por dia até a chegada ao porto celestial. Contudo, não estão de plantão sozinhas, pois há muitos voluntários (Sl 110.3) que querem servir fielmente ao Senhor dos senhores e, muito mais importante, é Deus mesmo que tem guardado, guarda e guardará a sua casa (Mt 16.18). Por isso, as sentinelas precisam aprender a dormir em paz (no seu próprio lugar, mas sendo levadas pelo rio do tempo), sabendo que estão sendo guardadas pelo Senhor (Sl 4.8).

Itajubá, Dia da Reforma 2021 A.D.